

“O subúrbio desperta!”

: da cidade fragmentada à belle époque suburbana carioca no espectro da revolução urbana (1902-1922)

Vitor Almeida

Doutorando em História Social do Território pela UERJ/FFP e
membro do GT de História Urbana da Anpuh-RJ

Resumo

O presente artigo propõe analisar as representações da chamada Belle Époque desenvolvidas no subúrbio do Rio de Janeiro. Serão utilizadas como fontes principais as revistas ilustradas produzidas durante o período de 1902 e 1922, em especial as revistas suburbanas. Será abordado, também, a construção de uma perspectiva que nos permita construir a ideia de “cidade fragmentada”, sob a ótica do processo hegemônico desenvolvido em torno da ideia de “Cidade Maravilhosa”, sendo esta a liga subjetiva de identidade carioca que nos subúrbios da cidade encontrou terreno específico que desenvolveu a sua percepção de cidade, partindo das necessidades e mobilização locais. Mesmo diante do anseio de replicar nos distantes bairros suburbanos o que se via e ouvia sobre a modernização da então cidade, com seus passeios e a grande Avenida Central - mais tarde, Rio Branco -; suas lojas de novas modas; sua pedagogia dos costumes e tudo mais, nos importa nesta proposta mostrar que houve uma belle époque suburbana, uma busca pelo ideal do período no que diz respeito a ser moderno. Dentro desses fragmentos de cidade espalhados sobre espaços que transitavam entre o rural e o urbano, ligados pela ideia hegemônica de “Cidade Maravilhosa”, caminharemos entre incessantes reclames por necessidades de melhorias, melhoramentos e críticas políticas, assim como afagos às instituições públicas que olhem pelo subúrbios e suas expressões sociais e culturais, com suas diferentes particularidades e seu modo de vida que buscava despertar sob o progresso transformador das realidades materiais.

Palavras-chave Subúrbio – Belle Époque – Rio de Janeiro – Modernidade – Urbanização.

Submissão

29/04/2024

Aprovação

22/07/2024

Publicação

01/08/2024

“Suburbia Awakens!”: From the Fragmented City to the Suburban Belle Époque of Rio in the Spectrum of the Urban Revolution (1902-1922)

Abstract

This article proposes to analyze the representations of the so-called Belle Époque developed in the suburbs of Rio de Janeiro. The illustrated magazines produced during the period 1902 and 1922 will be used as main sources, especially suburban magazines. It will also be discussed the construction of a perspective that allows us to construct the idea of a "fragmented city", from the perspective of the hegemonic process developed around the idea of the "Wonderful City", this being the subjective league of Rio identity that in the suburbs of the city found specific land that developed its perception of the city, based on local needs and mobilization. Even in the face of the desire to replicate in distant suburban neighborhoods what was seen and heard about the modernization of the then city, with its promenades and the great Avenida Central - later, Rio Branco -; its new fashion stores; its pedagogy of customs and everything else, it is important for us in this proposal to show that there was a suburban belle époque, a search for the ideal of the period in terms of being modern. Within these fragments of the city spread over spaces that transition between rural and urban, linked by the hegemonic idea of the "Wonderful City", we will walk among incessant complaints about the need for improvements, improvements and political criticism, as well as affection for public institutions that look after the suburbs and their social and cultural expressions, with their different particularities and their way of life that sought to awaken under the transformative progress of material realities.

Keywords Suburb – Belle Époque – Rio de Janeiro – Modernity – Urbanization.

“El suburbio despierta!”: de la ciudad fragmentada a la belle époque suburbana de Río en el espectro de la revolución urbana (1902-1922)

Resumen

Este artículo se propone analizar las representaciones de la llamada Belle Époque desarrolladas en los suburbios de Río de Janeiro. Se utilizarán como fuente principal las revistas ilustradas producidas durante el período 1902 y 1922, especialmente las revistas suburbanas. También se discutirá la construcción de una perspectiva que permita construir la idea de “ciudad fragmentada”, desde la perspectiva del proceso hegemónico desarrollado en torno a la idea de la “Ciudad Maravillosa”, siendo esta la subjetiva. Identidad de la Liga de Río que en los suburbios de la ciudad encontró terrenos específicos que desarrollaron su percepción de la ciudad, a partir de las necesidades y la movilización locales. Incluso, frente al deseo de replicar en lejanos barrios del conurbano lo que se veía y oía sobre la modernización de la entonces ciudad, con sus paseos y la gran Avenida Central -luego, Rio Branco-; sus nuevas tiendas de moda; su pedagogía de las costumbres y todo lo demás, es importante para nosotros en esta propuesta mostrar que hubo una belle époque suburbana, una búsqueda del ideal de la época en términos de ser moderno. Dentro de estos fragmentos de ciudad repartidos en espacios que transitan entre lo rural y lo urbano, unidos por la idea hegemónica de la “Ciudad Maravillosa”, caminaremos entre incesantes quejas sobre la necesidad de mejoras, mejoras y críticas políticas, así como cariño por las instituciones públicas que velan por el suburbio y sus expresiones sociales y culturales, con sus diferentes particularidades y su modo de vida que buscaba despertar bajo el progreso transformador de las realidades materiales.

Palabras clave Subúrbio – Bella Époque – Rio de Janeiro – Modernidad – Urbanización.

Introdução

Sob a ótica do progresso circulante na Primeira República, as transformações no espaço urbano carioca iniciadas nos governos do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Francisco Pereira Passos (1903-1906) reconfiguraram não apenas a lógica e o espaço urbano do então Distrito Federal, mas também as relações sociais e as expressões culturais que, então, passariam a vigorar na nova cidade. Daí em diante, a antiga cidade com seus traços coloniais e sua aura escravista é retratada como a “Cidade Maravilhosa” por Coelho Neto no artigo “Os Sertanejos”, publicado no jornal *A Notícia*, em novembro de 1908.¹ Tal adjetivo perpetua-se até nossos dias, quando se refere ao Rio de Janeiro. Mas essa construção de uma cidade sinônimo de maravilhas cai em questão ao longo dos anos, principalmente sob análises das ciências humanas e sociais que fazem questão de esmiuçar que não é bem assim.

Caminharemos aqui sob a ótica do que Henri Lefebvre chama de *revolução urbana*² para pautar as transformações e suas relações com o “despertar” dos subúrbios da cidade, processo cujo resultado foi a fragmentação da ideia de cidade e sua consequente dispersão sobre o espaço, replicada nos bairros suburbanos que emergiram ao longo das vias férreas. No percorrer da análise, será levantada a hipótese de observação sobre o Rio de Janeiro como uma *cidade fragmentada* como resultado do processo de *implosão-explosão* apontado por Lefebvre no processo revolucionário de urbanização.

Utilizadas como fontes principais são as revistas ilustradas produzidas durante o período de 1902 e 1922, em especial as revistas suburbanas. Será abordado, também, a construção de um arcabouço conceitual que nos permita construir a ideia de *cidade fragmentada*, sob a ótica do processo hegemônico desenvolvido em torno da ideia de “Cidade Maravilhosa”, sendo essa a liga subjetiva de identidade carioca que nos subúrbios da cidade encontrou terreno específico que desenvolveu a sua percepção de cidade, partindo das necessidades e mobilização locais.

1 KRIEGER, F. “‘Cidade Maravilhosa’: André Filho e a saga de uma marcha-hino”. *Por dentro do acervo*. Instituto Moreira Sales (site), 20 de janeiro de 2015. Disponível em: «<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/cidade-maravilhosa-i-andre-filho-e-a-saga-de-uma-marcha-hino/>». Acesso em: 23 mar. 2024.

2 LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

Da cidade fragmentada...

Em 1994, Zuenir Ventura lança o livro *Cidade partida*, um marco nas observações a respeito das relações sociais e culturais da cidade. Ventura, há trinta anos, afirmava que, durante o século XX, as reformas urbanas e planos urbanísticos praticados no Rio de Janeiro sempre optaram pela separação, “senão pela simples segregação”. Como resultado dessas imposições de planejamento urbano, Ventura diz que “a cidade civiliza-se e modernizou-se, expulsando para os morros e periferias seus cidadãos de segunda classe. O resultado dessa política foi uma cidade partida”.³

Mesmo sustentando o argumento de uma cidade repartida em dois lados, Zuenir Ventura deixou em sua obra algumas pontas soltas o suficiente para que, por exemplo, houvesse brecha para outras observações da composição social e espacial do Rio, como no caso da observação de Bruno Carvalho a respeito da porosidade da cultura carioca. Carvalho utiliza tal conceito para mostrar que, ao longo de dois séculos, entre as décadas de 1810 e 2010, puderam “florescer encontros multiétnicos e uma vida cultural marcada por fluxos e permeabilidades” ao lado de uma realidade social e socioeconômica com disparidades profundamente acentuadas, principalmente levando-se em consideração a estrutura escravocrata, base da construção nacional em seus diversos panoramas.⁴

Entre a *cidade partida* e a *cidade porosa* caminhamos nas brechas do que se constituiu chamar de *Cidade Maravilhosa*. Tal adjetivo é a principal herança no imaginário dos cidadãos cariocas que sobrevive desde a Primeira República até os nossos dias. Referência internacional, a alcunha dada ao Rio é resultado direto da Grande Reforma Urbana imposta sobre a então capital federal durante as administrações de Rodrigues Alves e Francisco Pereira Passos, cujo objetivo principal era tornar a cidade moderna, mais higiênica e fluida, não apenas para as mercadorias chegadas do estrangeiro pelo porto, mas também para as novas modas e culturas que circulavam na Europa. Esse conjunto, que forma um projeto político de administração da cidade guiado pelas demandas da então modernidade, nos oferece a oportunidade de observá-lo a partir da perspectiva da hegemonia, de Antônio Gramsci.⁵

Segundo Gramsci, a hegemonia se consolida e é obtida através de embates que encerram questões vinculadas à estrutura econômica e à organização política, assim

3 VENTURA, Z. *Cidade partida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994. p. 7.

4 CARVALHO, B. *Cidade porosa: dois séculos de História Cultural do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019. p. 40.

5 GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere — literatura, folclore, gramática. Apêndices: variantes e índices*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

como também, no plano ético-cultural, à expressão de saberes, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que querem legitimar-se e universalizar-se. É desta forma que a hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, incluindo também em sua dominância a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo.⁶ Portanto, é sobre tal arcabouço que observamos, de início, a constituição da ideia de “Cidade Maravilhosa”, a qual passa a permear o imaginário carioca durante a Primeira República.

Constituído o projeto hegemônico da urbanização do Rio de Janeiro, a questão pedagógica desse processo é apontada por André Nunes de Azevedo no que chama de “Grande Reforma Urbana”.⁷ Tal projeto não apenas teve objetivo de modificar as estruturas urbanas da cidade; foi também, por parte do então prefeito Francisco Pereira Passos, um ideal difusor de “uma cultura calcada na ideia de valorização da estética e na ideia de uma integração social conservadora em meio a uma cidade que caminhava para uma progressiva atomização com o fim da escravidão e o vertiginoso crescimento urbano então registrado”. A ideia da cidade com um centro pedagógico, com fins de estabelecer uma “retórica da sedução pela arquitetura e o urbanismo”, pautaria as percepções civilizatórias desejada aos moradores da cidade, com fins de estabelecer “a nova semântica urbana da cidade reformada [que] buscou, portanto, seduzir o cidadão a novos usos do espaço da cidade”.⁸

A ideia de que os moradores da então capital pudessem ser civilizados a partir de uma estética promovida em uma centralidade urbana encontra respaldo no ponto central da discussão a ser feita sobre a percepção da *cidade fragmentada*: o debate da *revolução urbana* levantado por Henri Lefebvre é fundamental para prosseguirmos.

Lefebvre chama de *revolução urbana*

o conjunto das transformações que a sociedade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões de crescimento e de industrialização (modelo, planificação, programação) ao período no qual a problemática urbana prevalecerá

6 GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere — literatura, folclore, gramática. Apêndices: variantes e índices*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 65.

7 Em sua tese de doutorado, André Nunes Azevedo apresenta a ideia da Grande Reforma Urbana, sendo esta a conjugação das intervenções municipais e federais urbanas sobre a cidade do Rio de Janeiro, durante os governos de Francisco Pereira Passos e Rodrigues Alves. Cf. AZEVEDO, A. N. *A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Mauad X, 2016.

8 AZEVEDO, A. N. *A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Mauad X, 2016. p. 169-172.

decisivamente, em que a busca das soluções e das modalidades próprias à *sociedade urbana* passará ao primeiro plano.⁹

Na perspectiva da *revolução urbana* de Lefebvre, nos interessa perceber o movimento do qual o sociólogo francês se apropria da física nuclear: a *implosão-explosão*. Na busca por criar um centro que expressa os objetivos de imposição e construção de imaginário de uma pretensa cidade moderna e modernizada, a atuação das administrações que encabeçam a Grande Reforma Urbana fomenta um processo de *implosão*, constituindo uma centralidade que emana os poderes materiais e simbólicos a serem difundidos na realidade carioca. Na outra ponta, como uma *explosão*, essas projeções se espalham pelo espaço, criando réplicas dessa centralidade nas localidades. Com isso, Lefebvre mostra que, nesse movimento,

a realidade urbana, ao mesmo tempo amplificada e estilizada, perde os traços que a época anterior lhe atribui: totalidade orgânica, sentido de pertencer, imagem enaltecedora, espaço demarcado e dominado pelos esplendores monumentais. Ela se povoa com signos do urbano na dissolução da urbanidade; torna-se estipulação, ordem repressiva, inscrição por sinais, códigos sumários de circulação e de referência. Ela se lê ora como um rascunho, ora como uma mensagem autoritária. Ela se declara mais ou menos imperiosamente. Nenhum desses termos descritivos dá conta completamente do processo histórico: *a implosão-explosão, ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc).*¹⁰

Os “estilhaços” da realidade urbana apontados por Lefebvre são lançados pelo espaço geográfico do Rio de Janeiro, tratando-se, assim, da constituição dos subúrbios cariocas. Observamos, por exemplo, no *Recenseamento do Distrito Federal*, realizado em 1906. É dito a respeito das linhas férreas suburbanas que as mesmas

servem uma parte imensa da cidade, ou, para melhor dizer, uma imensa cidade nova ligada à antiga, porque a zona suburbana do Rio de Janeiro ocupa uma área dilatadíssima, quase toda densamente povoada, aglomerando-se a população em torno das estações de parada da Estrada de Ferro Central, e sendo cada uma dessas estações uma cidadezinha pitoresca, com as suas chácaras, suas igrejas, as suas fábricas, as suas escolas e as suas vilas operárias.¹¹

9 LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 19.

10 LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 26. [grifos meus]

11 *Recenseamento do Distrito Federal*, realizado em 20 de setembro de 1906. p. xlv. Disponível em: <ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2014.

A constituição de “cidadezinhas pitorescas” ao longo da via férrea, em torno de cada estação, mostra que os fragmentos desse processo de implosão-explosão estão constituídos e se constituindo sobre o espaço. No período em questão, temos, com isso, um princípio dessa percepção de uma *cidade fragmentada*, que atua sob a perspectiva hegemônica da nova cidade projetada no signo da “Cidade Maravilhosa”, esse fio condutor subjetivo que induz a ação através de um pretense pertencimento ao novo momento, coagindo não apenas com seus aparatos materiais, mas também imateriais, o enquadramento das localidades ao processo civilizador. Tais fragmentos se unem no entrelaçamento desse ideal; têm como objetivo de seus agentes sociais locais a busca pela modernidade pretendida para a centralidade, não apenas nos costumes, mas também nos melhoramentos e atenção das instituições públicas, como veremos adiante. Não deixam de ser projetos de cidade - cidadezinhas -, com suas particularidades, reclames, produções culturais que buscam se totalizar no movimento da revolução urbana, atravessados pelos anseios da pedagogia urbana. Afinal, “o urbano como forma de realidade nada tem de harmonioso. Ele também reúne conflitos. Sem excluir os de classe. Mais que isso, ele só pode ser concebido como oposição à *segregação* que tenta acabar com os conflitos separando os elementos”.¹²

A incompletude estrutural da constituição dos subúrbios cariocas faz de cada localidade que se constrói ao longo das ferrovias, cada bairro com as pretensões na busca do moderno no período em questão, mostra uma busca incessante da imagem e semelhança da centralidade urbana, movimento este inerente ao urbano e sua ação revolucionária. Como observado por Júlia Galli O’Donnell, “ao espelhar, mesmo que de forma precária, instituições que eram no centro os marcos principais da modernidade, os suburbanos adentravam ao mapa da civilização”.¹³ É assim que encaramos o Rio de Janeiro como uma *cidade fragmentada*, com o subúrbio contendo “subúrbios”, ou “cidadezinhas pitorescas” que espelham a cidade que se modernizava. Adiante, mostraremos, com isso, como se deu o que chamamos de *belle époque suburbana* na esteira dessa fragmentação.

12 LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 160.

13 O’DONNELL, J. G. *Narrativas (sub)urbanas: representações dos subúrbios na imprensa carioca*. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa: Fundação Biblioteca Nacional — MinC (site), 2012. p. 2.

...à belle époque suburbana

Em 1908, a edição de 6 de junho da revista *Fon Fon* anunciava: “Le suburbe s'éveille!”.¹⁴ Em tradução para o português, o anúncio era dado: “o subúrbio desperta!”. O título original em francês diz alguma coisa sobre as novas modas da cidade, que então pretendia ser a imagem e semelhança de Paris nos trópicos. O texto de D. Picolino publicado na revista dizia que, “pelo que leio, a vida, a animação, *souci de smartismo*¹⁵ está se transportando para os subúrbios.

Um ano antes dessa constatação, na edição de 27 de julho de 1907, a revista trazia um artigo intitulado “Subúrbio”, no qual comparava com Botafogo bairros suburbanos que “já têm o seu jornal”. E diz:

Decididamente, aquelas regiões precisam ser descobertas. De onde em onde, um fato qualquer vem evidenciar a vida intensa que há por lá. Ainda há pouco não fomos surpreendidos com a notícia de um wagon de trem suburbano em que não se podia fumar? Era uma novidade, mais que isso — um paradoxo, pois que nos paquetes, nos grandes palácios, o que há são lugares destinados a se fumar. Entretanto, o subúrbio faz o contrário, isto é, um lugar para não se fumar. [...] Com jornal, incêndios, carros para damas delicadas, não é de admirar que amanhã tenham os subúrbios também a sua praia de Botafogo, com gentlemen, snobs, smarts.¹⁶

Nos dois exemplos destacados da mesma revista, percebemos que o subúrbio se tornava espaço moldado pela modernização material e imaterial que pairava sobre a cidade, a ponto de ser comparado com Botafogo. Mesmo com o processo de busca por totalizar-se com objetivo de atingir os ideais modernos do período, os processos socioculturais e urbanísticos dos bairros suburbanos eram comparados com as centralidades modernas e sua régua pedagógica da então Cidade Maravilhosa, para mostrar que seus trejeitos e formatações seguiam uma linha da busca de um ideal modernista. É desta forma que percebemos a existência de uma proposta moderna suburbana; uma belle époque suburbana aos moldes da busca de uma réplica enquanto

14 *Fon Fon*, ano II, nº 9, 6 de junho de 1908. p. 14.

15 O smartismo, segundo Rosane Feijão, “não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e à aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda”. Ser smart carregava um conjunto de representações que estavam alinhadas, portanto, às novas tendências que se estabeleciam no cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XX. Não estavam apenas relacionadas ao indivíduo, mas referiam-se à “um grupo de pessoas” e também o uso de expressões, “geralmente estrangeiras, eram consideradas smarts, assim como certos ambientes — five-o-clock teas, garden-parties — onde os hábitos da burguesia europeia, considerada civilizada e moderna, eram cultivados e cultuados”. Cf. FEIJÃO, R. “Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro”. *XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação*. Intercom — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, 2009.

16 *Fon Fon*, 27 de janeiro de 1907. p. 4.

fragmento urbano e cultural da Cidade Maravilhosa disperso no espaço geográfico da cidade.

Para situarmos de forma temporal, a chamada *Belle Époque* é consentida como um espaço de tempo cujos sobreviventes europeus da Primeira Guerra Mundial sentiram saudades por justamente entenderem como um período de avanços significativos pelo qual atravessou o mundo ocidental entre os anos 1870 e 1914. Jean-Yves Mérian¹⁷ mostra que a expressão resume uma “sociedade contrastada onde uma pequena minoria desfrutava das benesses do progresso [e] a classe média conquistava lentamente um melhor nível de vida, principalmente nas cidades”. Como momento de ascensão de uma burguesia que aproveitava tais mudanças, o período pós-guerras viu a emergência do saudosismo, o qual Mérian afirma que

Para os sobreviventes, o período que antecederá esta carnificina, a saudade de uma época de mais de quarenta anos de paz, de progresso científico, tecnológico, material, dissimulou em parte as duras realidades vividas pela maioria da população. Se elaborou progressivamente a ideia de uma “idade de ouro”, o mito de uma Belle Époque.¹⁸

Como perspectiva de uma “idade de ouro”, a *Belle Époque* significou, grosso modo, um período de revoluções nas técnicas e nas tecnologias que impactaram significativamente, e em diversos campos da vida social e cultural, a sociedade ocidental europeia, em especial na Medicina, na Engenharia e na Arquitetura. Como expressão de novos tempos, essas transformações chegaram aos países influenciados em todos os âmbitos pela Europa. Com isso, novos costumes, ideias e um movimento de ruptura com um passado ainda muito presente nas camadas populares ditaram os avanços do período.

Por outro lado, Lúcia Maria Paschoal Guimarães mostra os paradoxos desta época, quando se trata de Brasil, que é uma época “identificada com as práticas culturais aristocráticas do eixo Paris-Londres”, sendo “a nossa *Belle Époque* [coincidente] com a derrocada da monarquia e a gênese do regime republicano, alcançando seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XX”. A historiadora ainda destaca que é de comum acordo na historiografia brasileira que um dos símbolos deste período é a Grande Reforma Urbana, intervenções protagonizadas pelos governos federal e municipal sobre a cidade, “que deu feições brancas e europeias à capital federal, transformando-a

17 MÉRIAN, J-Y. “A belle époque francesa e seus reflexos no Brasil”. PINHEIRO, L. da C; RODRIGUES, M. M. M. (orgs.). *A Belle Époque Brasileira*. Lisboa: CLEPUL — Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

18 MÉRIAN, J-Y. “A belle époque francesa e seus reflexos no Brasil”. PINHEIRO, L. da C; RODRIGUES, M. M. M. (orgs.). *A Belle Époque Brasileira*. Lisboa: CLEPUL — Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. p. 135.

em vitrine do novo regime”. É característico destes novos tempos, entre as modas e espetáculos, “o cosmopolitismo da modernidade, e os cronistas do mundanismo carioca - a exemplo de Paulo Barreto, o popular João do Rio - davam o tom, orientando a vida *chic*”.¹⁹

É preciso fazermos algumas considerações a respeito do significado do conceito e até mesmo da categoria “subúrbio” no Rio de Janeiro. Enquanto chave política e social de demarcação territorial em sua totalidade que se contrapõe à urbe e às pretensões da construção de uma centralidade urbana na amplitude de seu uso pedagógico na busca pela civilização, o subúrbio possui um importante arcabouço bibliográfico interdisciplinar. Desta forma, necessita ser enquadrado na História, possuindo perspectivas essenciais de partida e de posicionamento histórico, sociológico e geográfico. Ressaltamos, com isso, que as principais leituras sobre o tema nos levam à um arcabouço que nos possibilita identificar as características do subúrbio no Rio de Janeiro: a ferrovia, a heterogeneidade social e econômica de seus bairros, sua geografia, a arquitetura, as sociabilidades, estratégias e táticas de negociação e formação de redes, os afetos e relação com a própria cidade ampliam as possibilidades de definição do termo “subúrbio carioca”.²⁰

O subúrbio ganha cada vez mais espaço na imprensa dos vinte primeiros anos do século XX. Foram diferentes os fatores que proporcionaram o aumento demográfico na zona suburbana do então Distrito Federal: as reformas urbanas, especulação imobiliária no “centro” da cidade e o loteamento de grandes latifúndios rurais; ondas migratórias e imigratórias etc. Tudo isso se reflete nos dados censitários, como na variação entre os censos de 1906 e 1920 de 104% no total de suburbanos. No espaço de uma década e meia, o subúrbio, em 1920, concentrava um terço da população da cidade (380.160 habitantes de 1.157.873 do total da cidade, representando 33% da população).²¹ Essa expansão demográfica tem na imprensa um de seus meios de expressão e organização, diante dos anseios de uma população que reclamava por melhoramentos. Com isso, a imprensa suburbana se consolida nas duas primeiras décadas do século XX, ganhando espaço na grande imprensa com colunas exclusivas sobre a região que circulava na

19 GUIMARÃES, L. M. P. “Paradoxos da Belle Époque tropical”. CHAVES, V. P. (coord.). *Flagrantes da literatura brasileira da Belle Époque*. Lisboa: Ed. Esfera do Caos, 2013. p. 69-70.

20 Alguns estudos sobre o subúrbio carioca são fundamentais como base teórica e de análise do objeto, tais como as pesquisas de Maria Therezinha Segadas Soares (1968), Maurício de Abreu (1987) e Nelson da Nóbrega Fernandes (2011). Destacamos este último quando argumenta que a formação do subúrbio carioca e de seus bairros possuem diferentes agentes de produção do espaço, fugindo da tríade “subúrbio-trens-proletários”, ampliando o debate acerca da categoria “subúrbio” relativa à cidade do Rio de Janeiro. Cf. FERNANDES, N. da N. *O rapto ideológico da categoria subúrbio*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

21 *Recenseamento de 1920*. 4º Censo geral da população do Brasil, 1º da Agricultura e das Indústrias e 11º da população da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6383.pdf>>. Acesso em: 16. jul. 2024.

capital federal dedicadas às dificuldades cotidianas e as demandas por melhoramentos nas regiões suburbanas.²²

Para citarmos exemplos desse destaque na grande imprensa carioca, a *Revista da Semana*, entre 1909 e 1910, publica uma série de análises sobre os bairros que cresceram ao longo do subúrbio. São descritos os perfis espaciais, sociais e culturais de bairros como Cascadura, Dr. Frontin (atual Quintino), Encantado, Engenho de Dentro, Engenho Novo, Mangueira, Méier, Piedade, Riachuelo, São Francisco Xavier e Todos os Santos. São escritos, na mesma série, as “Notas Ligeiras”, que trazem com ricos detalhes as descrições sobre a atuação da população local e como lidam com as recorrentes necessidades de melhoramentos. É assim, por exemplo, que descreve, em 11 de julho de 1909, o bairro de Bonsucesso como sendo “uma localidade que se desenvolveu à custa e empenho de seus moradores. Tratam-na alguns a ‘Princesa do Norte’”. Acompanhando o desenrolar do parágrafo, temos:

E, de fato, das que formam o pedaço da zona dos subúrbios cariocas, é esta localidade que melhor espécie apresenta. Tem população e comércio; tem vida, portanto. Não tem, porém, grandes melhoramentos nas suas ruas porque grande não tem sido o cuidado da Municipalidade, pelo seu estado. Ainda se nota em algumas delas a impressão roceira das taperas não classificadas. Mas, em compensação, há promessas de fazer desenvolver Bonsucesso aproveitando e aperfeiçoando as suas estradas de comunicação com as outras localidades.²³

O exemplo de descrição de Bonsucesso é um caso interessante para observarmos essas transformações na esteira da proposta da *belle époque suburbana*. A revista destaca o desenvolvimento do bairro pelo empenho de seus moradores. Os esforços locais deram, por isso, o adjetivo de “Princesa do Norte” para o local. Mas, mesmo assim, parece que a dedicação de seus moradores não é o suficiente diante da necessidade de mais intensidade nos melhoramentos; lado a lado convivem os destacados desenvolvimentos promovidos pelos moradores e a “impressão roceira das taperas”, o que exigiria maior presença do poder público. A incompletude da urbanização do local é evidente, corroborando nossa percepção sobre uma cidade fragmentada: a modernidade se faz presente, mas incompleta, sempre na busca por se totalizar como a centralidade reformada pela Grande Reforma.

Além da série publicada pelo semanário de propriedade do Jornal do Brasil, o subúrbio teve não apenas seus periódicos, mas também suas revistas. É o caso das

22 Cf. MENDONÇA, L. C. *Jornalismo como missão: militância e imprensa nos subúrbios cariocas, 1900-1920*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

23 *Revista da Semana*, 11 jul. 1909. p. 19.

Revistas Suburbanas, quatro publicações homônimas que circularam nos anos de 1906, 1918, 1922 e 1933. Para nós, importa as três primeiras em decorrência de nosso recorte. Entretanto, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional temos apenas as edições de 1918 e 1922. Ao todo, juntando os dois anos em evidência, temos oito exemplares, o que mostra a brevidade da existência desses periódicos.

Mesmo com poucos números circulantes, a existência de tais revistas nos dá um importante relato de como se produziu uma *belle époque suburbana*. Os exemplares, expressando em suas páginas anseios da população suburbana e forjando sua identidade diante dos problemas a serem enfrentados, ofertam aos leitores textos literários, notícias de outros estados do país, relatos sobre futebol, entre outros debates em suas páginas, o que nos leva a observar, por ora, que as *Revistas Suburbanas* se apropriam tanto dos problemas e necessidades dos subúrbios enquanto espaços em crescimento demográfico, quanto das expressões da modernidade que também chegava aos bairros suburbanos - o Méier sendo o centro da expressão do modernismo no subúrbio. Como expressão desta mediação, no segundo número de 1918, na seção “Pelos Subúrbios”, a revista lança uma crítica ao Conselho Municipal, afirmando que:

Para eles, o município limita-se à suntuosidade das belas Avenidas e magníficas adjacências por onde passeiam a sua elegância com soberba galhardia. [...] É necessário que essa gente acorde e faça alguma coisa em prol, ao menos, dos mais urgentes melhoramentos materiais suburbanos. Os outros virão depois.²⁴

O forte teor voltado para a identidade suburbana e seu desenvolvimento se reflete nas páginas das revistas. Em exaltação ao destacado progresso do Méier, por exemplo, a *Revista Suburbana* de 1922, no editorial do seu número de estreia em 20 de agosto de 1922, descreve que o bairro é “um dos pontos mais adiantados dos subúrbios, núcleo humano de quase uma vida à parte em meio a uma grande quietude bucólica”, e encerra o texto de forma poética:

Praza aos Céus sejam bem compreendidos nossos esforços nesse tentame e que a pequenina gota, que hoje recebe seu primeiro alento, possa avolumar-se na corrente cristalina e abundante de um estuário em que venham dessedentar-se ressequidos lábios ao beijo fraternal dos que ainda sonham com as grandezas de nossa pátria, dos nossos estimados subúrbios.²⁵

24 *Revista Suburbana*, 15 set. 1918. p. 2-3.

25 *Revista Suburbana*, 20 ago. 1922. p. 3-4.

Na busca pelo desenvolvimento guiado pelos anseios da modernidade, as articulações políticas, sociais e culturais por meio de periódicos mostram como eram apropriados os signos destes novos tempos e suas formas de imposição sobre o subúrbio. Essa apropriação e seus processos dialéticos passam pelos caminhos descritos por Roger Chartier e E. P. Thompson sobre as práticas culturais e movimentos ambivalentes.²⁶ Articulistas e escritores da imprensa local, ao produzirem material descritivo em seus artigos e em suas revistas com conteúdo diversos de cultura e política a partir dos subúrbios, promovem, de modos diferentes, a forma de se apropriar das ideias e materiais que circulam nesta sociedade, assim como se posicionam enquanto relatores e articuladores, conciliadores e questionadores das transformações que ocorreram no subúrbio. Tais práticas de exaltação do desenvolvimento dos bairros suburbanos e críticas que exigem melhoramentos formam um conjunto de recursos produzidos entre dominante e subordinado, a aldeia e a metrópole e, em nosso caso, entre o centro — da urbe e, logo, do poder — e o subúrbio. Neste sistema, concorrências e diferenças são organizadas de modo a deferir imposições verticais ou se rebelar contra elas.

Seja sob a exaltação do desenvolvimento de um ideal urbano no subúrbio, seja sob os reclames por melhoramentos em seu espaço para que haja a fluidez dos anseios urbanos nas localidades, encontramos uma brecha decorrente da incompletude no que diz respeito à totalização não apenas da urbanização, mas também de uma “bela época” protagonizada nos bairros suburbanos. Isso nos leva a observar como essa modernidade desejada pela Grande Reforma Urbana se deu em outros pontos da capital da República, como no caso do subúrbio carioca. É nesse processo que, como proposto do Henri Lefebvre, o urbano é um movimento incessante, que busca se completar, sem conseguir. Mesmo assim, promove seus objetos mentais e materiais sobre o espaço como consequência. Desta forma, o subúrbio surge como um desses casos sujeitos a ser analisado como categoria no tempo.

Considerações finais

É vasto o campo a ser explorado e longo o caminho a ser percorrido nesta proposta apresentada. A ideia de uma *cidade fragmentada*, assim como de uma *belle époque suburbana* serão melhor desenvolvidas em outras pesquisas. Importa, por ora, que sejam observados os alicerces da proposta de uma cidade que se fragmenta e replica em

26 CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Ed. Difel, 1990; THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

seu subúrbio, mesmo que de forma incompleta, as propostas da modernidade do início do século XX dispostas no centro da urbe. Esse movimento de explosão acompanha a implosão promovida pela Grande Reforma Urbana, que constrói um ambiente pedagógico no espaço urbano. Os impactos nas demolições de uma velha cidade com ares coloniais não ficaram restrito à materialidade: o ideal era a busca pela civilização também na cultura e nas sociabilidades. O progresso, a partir de então, deixa de ser aquele vigente durante o Império; vigora o que guiará a República, com estreita ligação com a produção e aquisição de materiais. Segundo André Nunes de Azevedo, enquanto no Império a palavra *progresso* era utilizada abrangendo o campo de significações de civilização, partindo de princípios morais, comportamentais, estéticos, comportamental, cultural, sociopolítico e material na República a civilização, nos termos expostos, deixava de ser o bem maior a ser perseguido pelas elites políticas nacionais, dando lugar a busca pelo progresso enquanto superação do passado em sua síntese material. Esse rompimento com os princípios de uma História universal, linear, cujos preceitos de civilização seguidos pelo Império, estruturavam seus alicerces tem no Encilhamento um de seus estímulos, no que diz respeito à reformulação dos princípios sociais.²⁷

Como um importante observador do período, Lima Barreto relata, em 1914:

Nos subúrbios, as velhas chácaras, cheias de anosas mangueiras e piedosos tamarineiros, vão sendo ceifados pelo machado impiedoso do construtor de avenidas. Dentro em breve, não restarão senão uns exemplares dessas frondosas árvores, que foram plantadas mais com o pensamento nas gerações futuras, do que mesmo para atender às necessidades justas dos que lançaram as respectivas sementes à terra. Passando hoje, pelo Engenho Novo, vi que tinham derrubado um velho tamarineiro que ensombrava uma rua sem trânsito nem calçamento. A venerável árvore não impedia coisa alguma e dava sombra aos pobres animais, que, sob o sol inclemente, arrastavam pelo calçamento pesadas "andorinhas", caminhões, que demandavam o subúrbio longínquo. Era uma espécie de oásis, para as pobres alimárias, que resignadamente ajudam a nossa vida.²⁸

Os caminhões das obras e o "machado impiedoso do construtor" que chegava no subúrbio não eram apenas aqueles que derrubavam as árvores e que se arrastavam pelo calçamento. Transformariam a paisagem que outrora foram grandes propriedades agropecuárias e, agora, virariam lotes que seriam vendidos para responder à demanda da expansão urbana. Junto a isso, imóveis corromperiam a natureza suburbana, com suas

27 AZEVEDO, A. N. "As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia". *Outros Tempos*, v. 13, n. 22, p. 69-88, 2016.

28 *Correio da Noite*, 31 dez. 1914. p. 1.

árvores frondosas que “ensombravam” as ruas e protegiam do sol inclemente. O progresso chegou; o subúrbio desperta! Tais alegorias, tomadas pelo literato em movimento de apropriação do que ocorria na cidade como um todo, em sua pena eram signos da modernidade arrasadora, tempos estes que faziam do subúrbio um espaço de fragmentos de uma cidade jogados ao longo de suas ferrovias; “cidadezinhas pitorescas” que buscava civilizar-se nos termos do progresso material no conjunto de uma “bela época”.